

Parte I

Um velho Marinheiro encontra três Galantes a caminho de uma festa de Casamento e interrompe um deles.

É um velho Marinheiro
E um dos três faz parar.
«Por tua barba grisalha
E por teu olhar brilhante,
Por que me fazes parar?»

Está aberta a casa do noivo,
Que é meu familiar;
Os convivas já cá estão,
Está preparada a função:
Ouve-os a celebrar.»

Prende-o com mão macilenta,
«Houve um barco», diz-lhe então.
«Larga-me já, velho tonto!»
E retirou logo a mão.

O Convidado do Casamento é enfeitiçado pelo olhar do velho homem do mar e constrangido a ouvir a sua história.

Prende-o com o brilho dos olhos —
E o Convidado quedou
Com atenção de criança:
O Marinheiro mandou.

Assentou-se o Convidado:
Só pode escolher ouvir;
E assim falou o ancião,
Com o olhar a reluzir:

«Houve saúdes ao barco
Quando deixámos o porto;
Vogámos com alegria:
Ficava a igreja no alto,
No alto o farol se via.

O Marinheiro
conta como o
barco navegou
para sul com
bons ventos e
tempo bonanço-
so, até chegar ao
Equador.

Nascia o Sol pela esquerda,
No mar de onde saía!
Brilhava, e à direita
No mar de novo caía.

Cada vez ia mais alto,
Até ficar a direito
Sobre o mastro ao meio-dia —»
E aqui o Convidado
Bateu com a mão no peito
Pois já o fagote ouvia.

O Convidado ou-
ve a música nup-
cial; mas o Mari-
nheiro continua a
sua história.

Vermelha como uma rosa
Entra a noiva no salão;
Vão os menestréis à frente
A saudar a multidão.

O Convidado que vinha
À festa do Casamento
Bateu com a mão no peito;
Mas apesar do lamento
Só pode escolher ouvir;
E o ancião prosseguiu,
Com o olhar a reluzir.

O barco é levado
para o Pólo Sul
por uma tempestade.

«Veio então a TEMPESTADE
Que foi potente e cruel:
A golpes das suas asas
Empurrou-nos rumo ao sul.

Com os mastros inclinados
E a proa a pender para o mar,
Como aquele que perseguido
Baixa a cabeça a fugir
Na sombra do inimigo,
O barco ia sendo levado
Pelo temporal desabrido
Sempre para sul sem parar.

Vieram nevoeiro e neve,
E um frio de pasmar:
Alto que ao mastro chegava,
Tão verde como a esmeralda,
O gelo vinha a vogar.

A terra do gelo e
de sons medonhos,
onde não se via nenhum
ser vivo.

E dos penhascos de neve
Entre os gelos à deriva
Vinha um resplendor funesto:
Não se via forma viva —
Era só gelo o que havia.

Gelo aqui, gelo acolá,
Tudo gelo em derredor:
A rebentar e a rugir,
A ribombar e a bramir,
Como os estrondos ouvidos
Quando se está a desmaiar!

Até que uma grande ave marinha, chamada Albatroz, veio pela bruma da neve e foi recebida com grande alegria e hospitalidade.

E eis que o Albatroz mostra ser uma ave de bom augúrio e segue o barco no seu regresso para norte através da bruma e dos gelos flutuantes.

O velho Marinheiro quebra a hospitalidade e mata a ave benigna e de bom augúrio.

Veio então um Albatroz,
Pelo meio da cerração;
E por Deus nós o saudámos,
Como à alma de um cristão.

Comeu o que nunca comera,
E em redor de nós voou.
Num trovão abriu-se o gelo,
E o timoneiro passou!

Levantou-se um vento sul;
Seguia-nos o Albatroz,
Que por fome ou por folia
Dia após dia acorria
À chamada de um de nós!

Com nevoeiro ou com nuvens,
Fosse na enxárcia ou no mastro,
Por nove vésperas seguidas
Veio o Albatroz poisar:
À noite na névoa branca
Brilhava o branco luar.

«Deus te livre, Marinheiro!
Que demónio te apoquentá
De maneira tão feroz? —
Que tens tu?» — Com uma seta
Eu matei o ALBATROZ.

Parte II

Subia o Sol à direita
No mar de onde saía,
Por trás da névoa, e à esquerda,
No mar de novo caía.

Do Sul vinha ainda o bom vento,
Mas terna ave não havia,
Nem dia a dia acorria
À chamada de um de nós,
Ou por fome ou por folia!

Os companheiros
de bordo do ve-
lho Marinheiro
clamam contra
ele, por ter mata-
do a ave da boa
sorte.

E era medonho o meu feito,
E ia a todos desgraçar:
Mataste a ave, disseram,
Que dava a brisa do mar.
Ah maldito! Tu a mataste,
Que dava a brisa do mar!

Mas quando a
bruma clareou
acharam justo o
seu acto e assim
se tornaram

Nem baço nem em rubor,
Tal como a frente de Deus
Nasceu o Sol em esplendor:
Mataste a ave, disseram,